

## **História e Memória: Santos Lemos e as representações sobre a cidade de Duque de Caxias<sup>i</sup>**

*Tania Maria da Silva Amaro de Almeida<sup>ii</sup>*

**RESUMO** O presente artigo objetiva discutir a relação entre história e memória, buscando explicitar o processo de representação da historicidade e dos registros de memória através dos escritos de Santos Lemos, para pensar a cidade e suas personagens como um convite para a reflexão sobre o passado. Nessa perspectiva, aproximaremos a Literatura e a História, apresentando as contribuições da primeira como fonte para os estudos de História Local e Regional. Ao analisar as produções literárias sobre o município de Duque de Caxias, cruzando as leituras e suas interpretações, poderemos perceber a complexidade das concepções esboçadas por autores que escreveram sobre a sua própria contemporaneidade.

**PALAVRAS CHAVE** Representações – Cidade – Duque de Caxias

### **HISTORY AND MEMORY: SANTOS LEMOS AND THE REPRESENTATIONS ABOUT DE CITY OF DUQUE DE CAXIAS.**

**ABSTRACT** This article discusses the relationship between history and memory and tries to explain the process of representation of history and the records of memory through the writings of Santos Lemos, to think the city and its characters as an invitation to reflect on the past. From this perspective, we will approach the Literature and History, presenting the contributions of the first as a source for studies of Local and Regional History. In examining the literary productions of the city of Duque de Caxias, crossing the readings and interpretations, we realize the complexity of the conceptions outlined by the authors who wrote about his own reality.

**KEYWORDS** Representations – City – Duque de Caxias

## **Apresentação**

O presente artigo objetiva dinamizar reflexões acerca da relação entre história e memória, buscando explicitar o processo de representação da historicidade e dos registros de memória, a partir das contribuições da História Cultural, cujas abordagens trazem consigo uma ampliação da tipologia das fontes utilizadas pelos historiadores e o uso das mesmas nos seus mais variados suportes.

Nessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho é pensar, a partir das fontes literárias sobre a região da Baixada Fluminense e, principalmente, do município de Duque de Caxias, as concepções de cidade esboçadas por autores que escreveram sobre a sua própria contemporaneidade. Sendo assim, é a partir das contribuições da Literatura como fonte para os estudos da História é que pretendemos refletir, considerando que problematizar esta última através de um texto literário é um caminho possível de ser seguido, além de enriquecedor para os dois tipos de narrativa, que não precisam, obrigatoriamente, ser pensadas como formas de conhecimento excludentes.

História e Literatura, cada uma de acordo com suas abordagens, tem como seu objeto uma narrativa. As duas narram, recontam, problematizam de acordo com quem escreve e, possivelmente, com as utilizações da memória. Ambas falam sobre acontecimentos e realidades sob o olhar de seu construtor, recheadas de personagens, tramas e enredo durante a sua produção. E essa construção ainda passa pelos posicionamentos de quem lê. Então, cada narrativa reflete uma visão de mundo diferenciada, marcada pela interlocução.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento,

por vezes, esta aproximação da história com a literatura tem um sabor de *dejà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregoa como novo já foi dito e de que se está “reinventando a roda”. A sociologia da literatura desde há muitos anos circunscrevia o texto ficcional no seu tempo, compondo o quadro histórico no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época. Neste caso, a literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão, “quase” na trilha da concepção beletrista de ser um *sorriso da sociedade...* (PESAVENTO, 2006 a, p. 2)

No cruzamento do literário com o histórico encontramos novos desafios e indagações. Seria possível problematizar a História na Literatura que se escreve em um determinado tempo? Palavras, expressões ou estilos de escrita encontrados em um determinado documento só começam a adquirir sentido se não se quer cometer anacronismos, quando colocadas em seus contextos próprios de produção e circulação. Citando Roger Chartier:

Mas há uma (...) maneira talvez mais inesperada de considerar a relação entre literatura e história. (...) descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias fundamentais que caracterizam a “instituição literária”. Tanto na Antigüidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituem tal instituição. Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a idéia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontrar em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. Mas é preciso ter distanciamento em relação a esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. E também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade. (CHARTIER, 2000, p.197)

Ainda, ao se pensar as vias de aproximação entre a História e a Literatura, é possível ao historiador participar da averiguação daquilo que motivou o produtor da narrativa a fazê-la, quais memórias do tempo estão presentes ali. Assim, o historiador facilmente poderá entender a literatura como um convite para a reflexão sobre o passado. Ainda segundo Pesavento,

História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos, pois. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade. Como narrativas sobre algo, são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido e que mesmo se substituem a ele. Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala. Nesta medida, são, ambos, presentificação de uma ausência, atributo de toda a representação que, em essência, é um “estar no lugar de”. (PESAVENTO, 2006 c, p.2)

Este caminho interdisciplinar através do qual pretendemos conduzir nossa abordagem, possibilitando o diálogo da História com outras áreas da produção do conhecimento científico, principalmente, a Literatura, tem como objetivo principal pensar as concepções de cidade esboçadas por autores que escreveram sobre a sua própria contemporaneidade. Nessa perspectiva, pensamos que ao cruzar as leituras e interpretações, poderemos perceber a complexidade de uma cidade que, inserida na região da Baixada, tenta construir suas próprias interpretações.

A região da Baixada Fluminense, localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, é reconhecida por uma representação hegemônica de violência, miséria e descaso social. Mas, a relação do pólo central – o Rio de Janeiro –, com as povoações, freguesias e vilas do Recôncavo Guanabará, desde os primórdios da ocupação européia, sempre se deu de forma estreita, tendo sido a Baixada um eixo estratégico no processo de interiorização da ocupação colonial. Essa relação contribuiu decisivamente, para transformações tanto na urbe carioca como na própria região, revelando uma estreita interdependência econômica, social e cultural.

Ao reconhecer o município de Duque de Caxias como lugar de memória, consideramos os saberes locais como essenciais para o entendimento da nossa própria história, proporcionando condições de reconhecimento do homem caxiense como sujeito do seu fazer, construtor de memórias e identidades.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993, p. 13)

Assim, ao analisar os usos feitos pelo homem caxiense e suas interpretações do seu próprio território ao longo do processo histórico, estaremos oportunizando condições para que esse mesmo homem se reconheça como sujeito histórico, permitindo a leitura crítica do mundo vivido. Ainda, de acordo com Pierre Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciências que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

Para Pierre Nora, a memória tornou-se objeto da história, sendo por esta filtrada, o que impede o estabelecimento de diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica. Mais do que isso, fala-se muito em memória atualmente, mas porque a memória já não existe e tudo aquilo que se considera memória é, para Nora, história.

Se para Nora, a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações, para David Lowenthal:

Memória, história e fragmentos revivem continuamente nossa consciência do passado. Mas como podemos estar seguros de que refletem o que aconteceu? (...) Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado. (LOWENTHAL, 1981, p. 67-75)

Portanto, a aproximação aos lugares de memória demanda uma operação crítica que permita construir, com os fragmentos que esses lugares representam, uma das leituras possíveis da totalidade do processo histórico que os selecionou e revestiu de um particular significado, para desvendar as marcas do tempo vivido. Assim, ao estudar as relações da história e dos olhares da produção literária sobre a região, desdobrando de que forma os autores enxergam a sua cidade, imaginamos construir explicações que nos permitam ampliar o conhecimento sobre o passado, de forma que tenhamos novas concepções para as relações sociais de nosso presente, em região tão carente de estímulo à análise da sua formação social, cultural, política e econômica.

Reafirmando com Nora, a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais:

A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém. (NORA, 1993, p. 9)

Maurice Halbwachs, na obra *A memória coletiva*, já procurava sublinhar a diferença entre história e memória. Suas reflexões podem ser colocadas da seguinte forma: a memória coletiva ou social não pode se confundir com a história. A história, de acordo com o autor, começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Assim, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores: “é fixá-las por escrito em uma narrativa uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. (HALBWACHS, 1990, p. 80).

A discussão central na obra de Halbwachs versa sobre a questão de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Ou seja, para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. A origem de várias idéias, sentimentos e reflexões são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Acerca da memória individual, o autor refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível, (HALBWACHS, 1990, p.41)

Também, as memórias individuais referem-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas, sendo assim, construídas a partir das referências e lembranças próprias do grupo, a partir das

vivências desse grupo, sendo reconstruídas ou simuladas. Podemos, assim, criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 1990, pp. 76-78).

Ainda, a memória individual não está isolada. Frequentemente, tem como referência pontos externos ao sujeito, não havendo memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (HALBWACHS, 1990, p. 81).

A memória apóia-se sobre o “passado vivido”, o que permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita. Segundo Halbwachs, o suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica.

Neste artigo, que faz parte do estudo para a elaboração da dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas do Programa de Pós-graduação da UNIGRANRIO, pretendemos analisar a obra de Silbert dos Santos Lemos, mas lembramos aqui também dos escritos de Francisco Barbosa Leite, ambos como fontes literárias significativas produtoras de subsídios para a História Local e Regional.

Procuraremos responder a indagação de como o discurso literário pode propiciar ao historiador regional uma investigação aprofundada através das memórias que produzem as narrativas dos autores, cujas vozes transmitirão a visão e os valores da sociedade onde estavam inseridos, afirmando com Halbwachs, que é no contexto das relações dentro do grupo que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca constituem-se a partir desse emaranhado de experiências.

Através das lembranças desses autores, que se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que Halbwachs denomina *comunidade afetiva*, buscaremos reconstruir as referências de uma cidade, referências estas como narrativas sobre algo, representações que se colocam no lugar da coisa acontecida.

E ainda, para fundamentarmos este estudo, também nos apropriamos das observações de Roger Chartier sobre o conceito de representações. Segundo esse autor, no que se refere à História Cultural, esta toma como objeto de estudo “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1997, p.16). Então, ao utilizar as fontes literárias produzidas sobre o município de Duque de Caxias, conjeturamos a noção de que a representação espelha idéias e concepções que não se esgotam em si mesmas. Refletem, sim, relações e interesses através dos quais podemos esclarecer “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1997, p.17), pois a “subjetividade das representações” é importante para a história quando se trata de compreender as “formas e motivos (...) que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1997, p.19).

### **As fontes**

Silbert dos Santos Lemos foi ex-repórter de polícia, colunista social e delegado. Nas obras *Sangue no 311*, *O Negro Sabará* e *Os Donos da Cidade*, três livros que fazem parte da coleção “*Crimes que abalaram Caxias*”, publicados, respectivamente, em 1967, 1977 e 1980, Santos Lemos relatou as relações ocorridas no submundo caxiense entre as décadas de 1950 a 1970.

Como repórter policial, correspondente de, pelo menos, oito jornais cariocas, Lemos conviveu durante cerca de quinze anos com a marginalidade do município, sendo inclusive, considerado um dos responsáveis “pela terrível cruz que Duque de Caxias carrega até hoje: terra de bandidos” (LEMOS, 1967, p. 9), já que, durante esse

período, era um dos principais abastecedores do noticiário sensacionalista que tomavam a cidade como um reduto de violência e selvageria. Segundo o próprio autor, suas observações foram resultado daquilo que viu e vivenciou nos anos em que trabalhou como repórter policial e depois como delegado de polícia. Chegou a Duque de Caxias na década de 1950, e nessa cidade, exerceu os cargos de escrivão e delegado, cargo exercido também em Casimiro de Abreu. Formou-se em Direito e foi um dos fundadores da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes. Participou da União Brasileira de Trovadores e da Sociedade e Cultura Artística de Duque de Caxias.

O estilo jornalístico direto e o caráter testemunhal, já que o autor, como jornalista policial, conviveu com esses protagonistas e com “o ambiente asqueroso que chegou a transformá-lo num alcoólatra” (LEMOS, 1967, p. 10). Seu texto permite perceber, com clareza, os limites por onde lutavam para sobreviver e como essas experiências coletivas construíam e operavam um segmento social marcado pela miséria, pelo vício e pela violência. Segundo o autor, que já tinha se tornado advogado e delegado quando os escreveu, eles tiveram uma publicação muito difícil, devido, talvez, por tratarem de questões que a maioria gostaria de silenciar. Em um dos prefácios, por exemplo, o médico e proprietário de casa de saúde na cidade, Ricardo Augusto Vianna, chega a afirmar que “esperamos (...) que também focalize (...) não o ontem que nos envergonha, mas o hoje que nos envaidece” (LEMOS, 1980, p. 5).

Já Francisco Barbosa Leite era um artista múltiplo. Vindo do Ceará, atuou como artista plástico, poeta, escritor, jornalista, ensaísta, cenógrafo, ator e compositor. Era amigo de Solano Trindade, com quem trabalhava no IBGE e que o trouxe para Duque de Caxias nos anos 1950, onde passou a coordenar a Escolinha de Arte da Fundação Álvaro Alberto, antiga da Escola Regional de Meriti, mais conhecida como “Mate com Angu”. No período em que participava da Orquestra Sinfônica de Duque de Caxias, Barbosa Leite compôs a canção “Exaltação à Cidade de Duque de Caxias”, que se tornaria, mais tarde, o Hino Oficial da cidade. Ajudou a organizar “a mais importante exposição de Artes Plásticas já realizada em Duque de Caxias, tal a envergadura de seus participantes: Antônio Bandeira, Goeldi, Bruno Giordi, Inimá, Barrica, Ana Letícia (sua ex-aluna na Associação Brasileira de Desenho) e Iberê Camargo, entre outros” (CARDOSO, 2002, p.1).

No ano de 1967, colaborou com Laís Costa Velho na criação do Teatro Municipal Armando Melo, o primeiro teatro da cidade. Foi de Barbosa Leite o anteprojeto para a criação do Centro de Arte e Cultura, apresentado à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e que, no entanto, não saiu do papel. Militante da cultura sem posicionamento político-partidário, o que lhe rendeu a marca, dada por amigos, de humanista ou progressista, mantinha um ateliê de pintura na cidade do Rio de Janeiro, incentivando vários artistas locais a se apresentarem na capital, de onde arrebanharam vários para expor em Duque de Caxias.

Articulista nos periódicos locais, Barbosa foi um dos idealizadores dos jornais Grupo e Tópico. Organizou salões de arte e pintura, criou jornais e revistas que tinham como eixo a cultura local, publicou vários livros e produziu filmes em super 8, implantando a Primeira Feira de Artes de Duque de Caxias e colaborando na criação do Conselho Municipal de Cultura, o qual presidiu por dois anos. Escreveu peças teatrais, dirigiu outras e atuou também como ator e contrarregra. Ocupou o conselho municipal de cultura e negava-se a participar da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes. Recebeu o título de Cidadão Duquecaxiense e a Comenda do Mérito Duque de Caxias, entre outras distinções.

Nos anos oitenta, Barbosa Leite integrou o grupo Arte e Comunicação (ARCO) e, em 1991, participou da elaboração da proposta de criação da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias e desenvolveu diversos projetos culturais desenvolvidos pela nova secretaria, entre eles os Salões de Artes Plásticas, a Feira do Folclore Nordestino, a edição do livro *Viagem pela Poesia*, abrangendo a produção poética da cidade de Duque de Caxias no período de 1940 a 1990, coletando assim poemas de 103 poetas radicados na cidade. A culminância desse trabalho empreendido aconteceu em julho de 1992, quando foi criada, através da Lei Municipal n.º 1129, a Escola de Artes da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, que teve Barbosa Leite como seu primeiro Diretor.

Esse artista múltiplo escreveu diversos livros de poesias, contos e crônicas, entre eles *Contrastes e Confrontos*, *O Chão de Caminhos*, *Ânfora de Enigmas*, *Os Espaços Abertos*, *Entre o sol e a Solidão*, *A Distância Infinita*. Além de cordéis como *A grande Feira de Duque de Caxias* e *A verdadeira História da cidade de Duque de Caxias*,

produziu livreto de contexto histórico livre em prosa lírica intitulado *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Duque de Caxias*. Também, junto com Rogério Torres, elaborou *Duque de Caxias. Foto Poética*.

Nesta produção acerca do município, Barbosa Leite demonstra claramente seu apreço pela cidade que o acolheu e onde será homenageado a partir de 14 de dezembro de 2005, através da Lei nº 1926, quando a sua data natalícia – 20 de março -, tornou-se o Dia Municipal da Cultura.

### **As representações da cidade vivida**

O trabalho que se pretende realizar para a dissertação de mestrado propõe-se a analisar as representações da cidade explicitadas nas obras dos dois autores, Santos Lemos e Barbosa Leite, de forma a identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, ao expressar formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar (PESAVENTO, 2006 b, p. 22-23).

Contudo, neste artigo, buscamos pensar sobre os escritos de Santos Lemos cujas reflexões acerca do cotidiano da cidade de Duque de Caxias revelam sua condição de espectador de seu tempo.

Em uma de suas obras, *O Negro Sabará*, o segundo volume da série “Crimes que abalaram Caxias”, que, de acordo com o prefaciante do livro, Carlos Ramos, jornalista e à época, coordenador geral de cultura de Duque de Caxias, é um

trabalho bem melhor que *Crime no 311*, o primeiro livro de Santos Lemos. O autor (...) revela (...) todos os condicionamentos sócio-políticos que marcaram de modo indelével o primeiro e triste período da história de Duque de Caxias, quando a cidade-berço de Lima e Silva era, por excelência, o reduto migratório de nortistas e nordestinos que vinham para a então vizinha capital federal e faziam da ainda selvagem região o seu dormitório.

Utilizando fragmentos da vida turbulenta do famoso bandido, Santos Lemos romanceou tudo, dando uma sequência razoável a incidentes e acontecimentos que, em última análise, são o pretexto para a apresentação de toda a realidade de uma época. (...) o atual livro do delegado-escritor é válido e representa (...) uma contribuição substancial à ainda tão pobre bibliografia da cidade de Duque de Caxias.” (RAMOS in LEMOS, 1967, p.11)

Para Santos Lemos, o livro *O Negro Sabará* é

quase uma biografia de homem que acima de tudo lutou contra a discriminação racial, vítima dos costumes de uma terra abandonada, e de povo bom, que também não passava de vítima”. Pretendendo escrever a vida de Ismael Gonçalves da Silva, pretendi inclusive descrever uma cidade fluminense, situada na fronteira então capital da República, o que lhe trazia conseqüências positivas e negativas.

Talvez mais negativas do que positivas, pois se lhe oferecia um mercado de trabalho e estabelecimentos escolares, atraía tudo o que fosse sujo, inclusive algumas mentalidades, que vieram influir nas poucas esclarecidas dos munícipes de Duque de Caxias, a Caxias, a “Caxias City”, a “Cidade do Pecado”. (...)

Os fatos verdadeiros aqui descritos não ocorreram agora (...) e sim nos idos de 1952 a 1964. (...) O livro é para se curtir uma época, e dele só se tirar o exemplo de abnegação e do heroísmo de um povo laborioso, que ainda procura um lugar ao sol. (LEMOS, 1967, pp. 13-14).

Duque de Caxias tornou-se município em 31 de dezembro de 1943. A partir da década de 1940, o crescimento populacional multiplicar-se-ia nos bairros periféricos da região e o crescimento econômico e social das décadas seguintes aumentaria, substancialmente, as diferenças dos bairros da periferia em relação ao centro do então 4º distrito de Nova Iguaçu.

É nesse contexto que, em 1943, os distritos de Caxias, São João de Meriti, Xerém e Estrela emanciparam-se, compondo o novo município de Duque de Caxias. Este passou a ser composto por três distritos: Duque de Caxias, São João de Meriti e Imbariê. Em 1947, São João de Meriti emancipou-se de Duque de Caxias e, em 1954, o distrito de Imbariê deu origem a outros dois distritos, o de Xerém e o de Campos Elíseos.

Essa nova cidade será pensada e contextualizada nos escritos de Santos Lemos. O jornalista descreveu Duque de Caxias em suas obras, no período de 1953 a 1957, a partir da violência, do jogo e da prostituição.

Segundo ele,

as centenas, talvez milhares de prostitutas brancas, louras, mulatas e pretas” chegavam à cidade nos trens e nas lotações e se espalhavam pelas praças e ruas fumando maconha “debaixo da marquise da Casa Jaraguá” e, freqüentando os cinemas Líder e Estoril, arrastando seus clientes para o Hotel Municipal. Ocupava no centro uma área que ia desde a “Praça do Pacificador até o Hotel Rio - Petrópolis (...) travessia obrigatória para as famílias que demandavam do centro para o Centenário, Corte Oito, Corte Sete (...)” dividindo-o com os “malandros, maconheiros, rufiões e contraventores. (LEMOS, 1967, p. 71)

Em outro momento, descreveu a paisagem urbana do centro do município, balizando-a a partir dos pontos de poder que demarcavam o jogo político da cidade.

Caxias era – e é – dividida ao meio pela linha férrea. Do lado direito, ficava o ‘Ponto do Briga’ na Vila São Luís. A casa do prefeito, erguida no alto de um morro, sem arquitetura, bastante caótica, mas curiosa. Deste lado estava o mais novo bairro da cidade – 25 de Agosto – onde as construções eram numerosas e se faziam com grande rapidez. Do outro lado, o esquerdo, estava a Delegacia, o 311, bem próximo à residência do Deputado Tenório, construção frágil demais para merecer o título de ‘Fortaleza’ que lhe deram. Deste lado, já se encontravam o Cemitério do Corte Oito, a Praça do Pacificador, a Praça 23 de Outubro, a Praça da Estação, além da Matriz Santo Antônio, com sua linda e branca fachada, na rua José Alvarenga, do lado direito de quem entra na Av. Nilo Peçanha. Ficava a Prefeitura na Av. Rio - Petrópolis, em frente a um bordel (...). na Av. Nilo Peçanha, situava-se o maior comércio da cidade, com exceção do da Travessa Manoel Correa (...) sempre movimentada e cheia de gente. (Lemos, 1967, pp. 109-110)

No segundo capítulo da obra *Negro Sabará*, intitulado *O Homem de Passárgada [sic]*, a partir da concepção de violência e crime, Santos Lemos retrata o ambiente sujo e desorganizado da delegacia de Duque de Caxias, onde cerca de quinze homens amontoavam-se em um lugar feito somente para oito. O autor relata que os prisioneiros mal podiam respirar pelo fato da privada estar entupida (LEMOS, 1977, p. 23).

Nesse ambiente sujo e fétido, Lemos relata que estava Sabará, implorando ao carcereiro para que fosse interceder junto ao comissário, esperando que este pudesse retirar alguns dos que ali estavam presos. A intercessão acabou sendo feita pelo carcereiro Mery, homem que até mesmo os presos consideravam de bom coração.

De acordo com o autor, Mery fez saber ao comissário que muitos presos estavam morrendo de fome e que as mulheres já exalavam mau cheiro por falta de banho. Assim,

o comissário, após analisar os boletins de ocorrências, deu liberdade a seis dos presos que ali estavam por crimes entendidos como de menor responsabilidade, tais como “bêbados e brigas de vizinhos, operários que surravam as esposas, malucos que perturbavam o comércio” (LEMOS, 1977, p. 23).

Conforme segue Lemos, ao receberem a liberdade e chegarem na varanda da delegacia, exclamavam ter saudade da luz do sol e tomavam café no Bar e Salão de Bilhar Líder, agradecendo a Deus por estarem livres. No entanto, Sabará não estava entre os que receberam a liberdade. Ele foi preso ao tentar falsificar uma nota de cinco cruzeiros, colocando dois zeros à direita, tentando passá-la como uma nota de cinquenta cruzeiros ao dono de um boteco que ficava debaixo da estação de trem. Ao descobrir a fraude, o português dono do boteco começou a gritar e um guarda da Leopoldina, estrada de ferro que cortava a cidade, efetuou a prisão de Sabará (LEMOS, 1977, p. 24).

Santos Lemos relata que Sabará pensou em fugir, mas desistiu ao perceber que a fuga não seria possível. Além disso, o guarda arrancou-lhe os botões da calça e retirou-lhe o cinto como forma de impedir a fuga. Na chegada à delegacia, Ismael Rodrigues da Silva, conhecido então como Sabará, recebeu golpes de palmatória nas costas e ficou entre os presos, esperando pelo pior, o “pau-de-arara”, com o qual contava, certamente, ao cair da noite (LEMOS, 1977, p. 25).

O negro Sabará, como relata o autor, não foi agraciado com a liberdade concedida pelo comissário para os que cometeram crimes de “menor responsabilidade”. Ele ficou entre os presos que foram autuados em flagrante e todos os que ficaram foram espancados no “pau-de-arara”, coisa comum na Delegacia 311. Lemos relata que Sabará tinha nos pulsos as marcas das cordas com as quais o manietaram e que durante o espancamento confessou todos os crimes cometidos (LEMOS, 1977, p. 24).

Atemo-nos aqui, ao relato do autor, sobre o medo que Sabará tinha de morrer por ocasião do espancamento, pois ouviu falar que muitos dos que foram espancados acabaram sendo jogados no canal do rio Meriti ou na linha férrea para que o trem passasse por cima como forma de ninguém saber do que havia morrido ou, ser jogado ao longo da antiga estrada Rio - Petrópolis. Contudo, segundo Lemos, o medo maior de Sabará era o de ser jogado, de cabeça para baixo, dentro de um poço que ficava nos

fundos da delegacia, pois considerava esta uma morte pior do que ser enterrado vivo. Sabará, relata o autor, preferia duelar com a polícia até a morte ou ser morto pelo dono de uma das casas que roubava, pois considerava isso como um risco de sua “profissão”, mas do poço, não queria saber (LEMOS, 1977, p. 25).

Há um momento no relato em que o autor mostra a fragilidade da personagem, que se lembra de sua família:

Lembrou-se - e raras vezes isto acontecia – de sua velha mãe, preta, cansada, que ele não via já há muito. Lembrou-se do pai, coveiro do cemitério de Magé. Lembrou-se da irmã, mulher direita, casada com um preto distinto, morando em Niterói. Lembrou-se até de um irmão, a quem ele chamava de otário por ser um trabalhador (LEMOS, 1977, p. 25).

Sabará, em meio ao mau cheiro de uma privada entupida, com dores no corpo pela surra que levou, preso em uma pequena cela, lotada de criminosos, em um momento de fragilidade teve saudades de um tempo que, para ele, era distante, um tempo em que era livre e estava próximo dos que amava.

Em outro momento da obra, Santos Lemos relata, através das memórias de Sabará, um fato de grande repercussão naquela Duque de Caxias dos anos 1950. O confronto entre o renomado deputado Tenório Cavalcanti, cuja fama atravessou décadas, e o delegado Albino Imparato. O desfecho deste confronto foi o assassinato deste último.

Foi um escândalo de atravessar as fronteiras, com repercussão em Washington, Londres, Paris e Indo-China [*sic*]. As agências telegráficas espalharam notícias a respeito do fato para o mundo e os jornais da Capital da República abriram manchetes e meia página de noticiário.

Só a “Folha de Caxias”, atual “Folha da Cidade”, publicou nota pequena, defendendo os interesses da comunidade:

“Quando se dirigia para a sua residência junto ao Hotel Ribeiro, isto à uma hora da madrugada do dia 28, foi assassinado o Delegado Albino Martins de Sousa Imparato, juntamente com o investigador conhecido por Bereco. Segundo testemunhas que passavam pelo local no momento da ocorrência, o carro de Imparato, de marca Hudson, foi alvejado por vários indivíduos que se encontravam no interior de um automóvel. O delegado recebeu um projétil na cabeça, tendo morte quase que

imediate. Juntamente com o investigador Bereco, foi transportado para o Hospital Getúlio Vargas e posteriormente para a Secretaria de Segurança Pública do Estado.”

E durante os dias que se seguiram a cidade ficou coalhada de polícia de Niterói (...). E com isso a Polícia só se preocupava com o “Homem da Capa Preta”, deixando os marginais em paz.

Sabará, Cocute, Lamur, Mário Peixeira e Mário Curriola, Cabeleira, Chibanca, banda e dezenas de outros ladrões e maconheiros agiam impunes e eram os donos da cidade. (LEMOS, 1977, p. 55).

Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque teve sua trajetória intimamente ligada à história da Baixada Fluminense. Nordesteño, apadrinhado do deputado federal nordestino Natalício Camboim de Vasconcelos, tornou-se administrador de extensas propriedades, sendo beneficiado como segurança e encarregado da obra de construção da antiga estrada Rio - Petrópolis. Através de suas funções e inserido no contexto de violência do então distrito de Nova Iguaçu, tornou-se proprietário e comerciante, incorporando-se através do casamento a uma das famílias tradicionais do lugar.

Com a morte do pai, Tenório veio para o Rio de Janeiro a fim de fugir da vingança e da possibilidade de ser morto. O apadrinhamento lhe assegurou emprego e acesso a uma rede de relações de favorecimento que o conduziram a Hildebrando de Góis e Edgar de Pinho. Hildebrando era diretor do Departamento de Porto, Rios e Canais e, por intermédio dele, Tenório empregou-se nas obras das estradas Rio-São Paulo e Rio - Petrópolis. Edgar de Pinho era um engenheiro baiano e cunhado de Otávio Mangabeira, Ministro das Relações Exteriores no governo de Washington Luís.

Através de sua trajetória, Tenório foi mais um dos muitos que atuavam na defesa dos interesses daqueles que pagassem por seus serviços: tornou-se o administrador das terras de Edgar de Pinho, substituindo o antigo, que fora assassinado nas disputas de terra e conflitos com posseiros. E, para impor o controle sobre as propriedades, Tenório organizou um grupo de homens armados que atuavam na segurança, levando Tenório a tornar-se conhecido e temido na região. A aliança deste com as forças de sustentação de Washington Luis aproximou-o de Getúlio de Moura, importante coronel iguaçuano, ampliando sua rede de apadrinhamento político.

Nos anos 1930, quando Merity passou a se chamar Caxias, Tenório mantinha boas relações com os políticos iguaçuanos, mas a conjuntura de ditadura trouxe mudanças nas esferas de poder e a marca dos projetos do Estado Novo, emancipando o município de Duque de Caxias e instalando a Delegacia 311, favoreceu a presença de prefeitos e delegados interventores. Tenório os chamava de “estrangeiros”, estranhos à prática política tradicional, onde o local controlava a escolha dos delegados, do Executivo e do Legislativo (GRYNSPAN, 1990, p. 73). Os conflitos entre Tenório e os chamados estrangeiros exaltavam as relações no cotidiano político da cidade, era como uma invasão do território, com o objetivo de disputar voto, prestígio político, cargos públicos, controle do aparato burocrático e acumulação econômica.

O cotidiano da cidade é representado por Santos Lemos nos seus escritos. Para ele, a cidade era constituída de humildes lavradores, criadores, operários e assassinos, em sua grande maioria nordestinos e negros. E essa mesma cidade crescia graças às iniciativas particulares, à falta de fiscalização, aos crimes contra os costumes, à contravenção, à sonegação de impostos. Era uma cidade que ele chamava de “cidade aberta”, onde imperava a corrupção, a prostituição, a maconha, o jogo do bicho, a discriminação racial e a violência policial, esta expressa nas torturas de presos e no extermínio, principalmente de negros.

Na sua obra, Lemos deixa claro que a Delegacia 311 havia instalado em Caxias o pau-de-arara e fabricou a “cisterna da morte”. A cisterna ficava nos fundos da delegacia e servia de depósito para os corpos dos presos que morriam durante as torturas, aquele poço do qual Sabará tinha tanto receio.

Para Santos Lemos, “se o lema de nossa bandeira era ordem e progresso, o de Caxias era desordem e progresso” (LEMOS, 1980, p.26). Nas memórias de Santos Lemos, está claramente a denúncia da dupla face da cidade: miséria e prosperidade. Para ele, nessa cidade todos ganhavam com a jogatina: os funcionários, o comércio, a construção civil e a polícia, que recebia pelo silêncio e pela proteção. As representações dessa cidade estão relacionadas à discriminação racial, miséria e autoritarismo; assassinatos, prisões e torturas; prostituição, jogo do bicho e ausência de um aparato urbano que retratasse essa cidade como ordeira. Uma periferia onde as disputas pelo

poder recorriam à coerção e os desmandos da classe dominante, refletindo-se nos segmentos da população marcada pela miséria e violência.

### **Considerações finais**

Duque de Caxias não é um lugar desprovido de História, mas moldado pela ação dos diferentes sujeitos históricos. Os textos de Santos Lemos revelam-nos várias possibilidades de leitura da realidade social e das disputas políticas operadas na localidade, contando com riqueza de detalhes o panorama social, o caráter de discriminação da população marginalizada e as práticas violentas e corruptas do poder constituído.

O que se pode vivenciar através das memórias das personagens de Lemos é o espaço de tensões, onde não havia consentimento e o uso da coerção era a única estratégia de controle social. Ali estão representados os interesses dos grupos dominantes locais que detinham o controle do aparelho burocrático e político, através das relações com o poder central. Mas, ao mesmo tempo, podem ser visualizadas as formas de ocupação popular, as lutas dos trabalhadores e os movimentos sociais em busca de uma vida melhor. As personagens recriadas por Santos Lemos, marginais, negras e pobres, buscaram momentos de redenção em meio a dor.

Como exemplo, no final de *O Negro Sabará*, Lemos mostra que Sabará foi interrogado pelo juiz e conheceu a justiça, mas não tendo muito com o que se defender, foi condenado. O autor identifica Sabará como o único sobrevivente da “turma barra pesada da turbulenta cidade de Duque de Caxias”, que sobreviveu à prisão por se permitir ser livre em seus próprios pensamentos. Santos Lemos, ao explorar os sentimentos e lembranças de sua personagem, transita por um refúgio, onde o prazer e a liberdade se tornam infinitos, podendo assumir livremente suas contradições e fantasias, buscando abrandar as frustrações do negro Sabará.

As estratégias construídas pela população pobre e marginalizadas para sobreviver em meio a tanta hostilidade são mostradas através das memórias das personagens de Santos Lemos. As práticas necessárias para mostrar sua presença são

construídas nas experiências da luta individual ou coletiva para não sucumbir à discriminação racial e social e à falta de oportunidades, naquela Duque de Caxias que nos é dada a ler através da reconfiguração do passado para buscar compreender sua própria historicidade.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA LEITE, Francisco. A grande Feira de Duque de Caxias, 1984, s/r.
- \_\_\_\_\_. *A verdadeira História da cidade de Duque de Caxias*, 1984, s/r.
- \_\_\_\_\_. *Exaltação à cidade de Duque de Caxias*, 1963, s/r.
- \_\_\_\_\_. *Trilhas, roteiros e legendas de uma cidade chamada Caxias*. Duque de Caxias: Consórcio de Administração de Edições, 1986.
- \_\_\_\_\_ e TORRES, Rogério. *Duque de Caxias. Foto poética, s/d, s/r*.
- BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. *De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010.
- CARDOSO, Josué. Eles fizeram a História. Sessão "Memória Viva". *Revista da Cultura Caxiense*, edição nº 4, de Dezembro de 2002, editada pela Secretaria de Cultura de Duque de Caxias. Disponível em [http://pedacosdanossahistoria.blogspot.com/2006\\_03\\_12\\_archive.html](http://pedacosdanossahistoria.blogspot.com/2006_03_12_archive.html). Acessado em 19 de outubro de 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- \_\_\_\_\_. Debate: Literatura e História. In: *Revista Topoi*. nº 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, pp. 197-216.
- GRYNSPAN, Mario. Os Idiomas da Patronagem: Um Estudo da Trajetória de Tenório Cavalcanti, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 14, ano 5, São Paulo: ANPOCS, outubro de 1990, pp. 73-90.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LOWENTHAL, David. *How we know the past*, in *The past is a foreign country*. Tradução: Lúcia Haddad. In: Projeto História, Revista do PEPHeDH/PUCSP. São Paulo: EDUC, 1981, pp. 63-201. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria17.pdf>. Acessado em: 13 de outubro de 2010.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares.” In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006 a. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em: 05 de outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. *História e literatura: uma velha-nova história*. In.: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (org.) *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006 b. p. 22-23.

\_\_\_\_\_. *Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado*. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006 c. Disponível em : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em: 05 de outubro de 2010.

SANTOS LEMOS, Silbert dos. *Sangue no 311*. Rio de Janeiro: Reper, 1967.

\_\_\_\_\_. *O Negro Sabará*. Rio de Janeiro: Destaque, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os donos da cidade*. Rio de Janeiro: Caxias Recortes, 1980.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o Passado da Cidade: Duque de Caxias e os Projetos de Poder Político Local (1900-1964)*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2002.

---

<sup>i</sup> Este artigo faz parte do estudo para a elaboração da dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas do Programa de Pós-graduação da UNIGRANRIO.

<sup>ii</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Professora de História da rede estadual de ensino e da graduação em História da UNIGRANRIO. Diretora do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias.